

## DIÁLOGO SOBRE O ENSINO DOS MITOS AFRICANOS E O FORTALECIMENTO DE UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA.

Hevelyn Sabrina Silva Santos <sup>1</sup>

Artur José Renda Vitorino<sup>2</sup>

**Resumo:** O artigo visa estabelecer um diálogo entre o ensino da mitologia dos orixás e a implementação da Lei 10.639/03, que institui como obrigatório o Ensino de História e Cultura Africana. Buscamos compreender como o ensino dos mitos podem contribuir para o fortalecimento de práticas relacionadas a Educação Antirracista. Para alcançarmos o objetivo será utilizado como recurso metodológico a análise de documentos que abordam a lei enquanto política educacional, bem como a compreensão das descrições dos mitos. Compreende-se que os mitos iorubás carregam consigo simbologias para o entendimento do passado (ancestralidade), reflexão sobre o presente e projeto para o futuro, a prática de ensino da mitologia iorubá pode gerar um fortalecimento das formações de educação antirracista tanto no letramento racial de professores, quanto para o ensino dentro do ambiente escolar. Dito isso, é possível argumentar que o ensino dos mitos podem fortalecer a implementação da Lei 10.639, bem como fomentar outras perspectivas sobre as práticas de ensino.

**Palavras-chave:** Lei 10.639/03 ; Educação Antirracista; Mitologia dos Orixás; Oralidade

## DIALOGUE ON THE TEACHING OF AFRICAN MYTHS AND EDUCATIONAL POLICIES.

**Abstract:** The article aims to establish a dialogue between the teaching of orixá mythology and the implementation of Law 10.639/03, which makes the Teaching of African History and Culture mandatory. We seek to understand how the teaching of myths can contribute to strengthening practices related to Antiracist Education. To achieve this objective, document analysis will be used as a methodological resource, addressing the law as an educational policy, as well as an understanding of the descriptions of the myths. It is understood that Yoruba myths carry with them symbolologies for understanding the past (ancestrality), reflection on the present, and a project for the future; thus, the practice of teaching Yoruba mythology can strengthen antiracist education formations, both in teachers' racial literacy and in teaching within the school environment. That said, it is possible to argue that the teaching of myths can strengthen the implementation of Law 10.639, as well as foster other perspectives on teaching practices.

<sup>1</sup>Mestranda em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas), Especialista em Filosofia pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) e Graduada em Filosofia Licenciatura pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas). [hevessantos@gmail.com](mailto:hevessantos@gmail.com). ORCID: 0009-0007-5050-5452.

<sup>2</sup> Professor da Pontifícia Universidade Católica de Campinas pertencente ao corpo permanente de seu Programa de Pós Graduação em Educação e da Faculdade de História da PUC-Campinas. Tem experiência nos seguintes temas: Fundamentos Epistemológicos da Educação Escolar e das Políticas Públicas em Educação. Tem realizado investigações e publicado nas áreas de Fundamentos da Educação, Política Pública Antirracista em Educação, e dos estudos sobre o desenvolvimento profissional docente e os seus fundamentos. Atualmente investiga as bases teóricas pós metafísicas do discurso educacional e seus efeitos na educação escolar. É membro da REDPEEL (Red Posgrados en Educación en Latinoamérica), da ALFE (Associação Latino-Americana de Filosofia da Educação), da SOFIE (Sociedade Brasileira de Filosofia da Educação), e da ANPEd (Associação Nacional de Professores de Educação). Gradou-se (Licenciatura e Bacharelado) e fez sua pós-graduação (Mestrado e Doutorado) em História pela Unicamp. [arturvitorino@uol.com.br](mailto:arturvitorino@uol.com.br). ORCID: 0000-0002-8654-3182.

**Keywords:** Law 10.639/03; Anti-Racist Education; Orixá Mythology; Orality

### **Introdução:**

Em virtude da necessidade de discussões sobre o ensino da cultura africana na educação pública, particular e ensino superior ultrapassem o tempo de criação da lei, a busca sobre as estratégias para o fortalecimento de uma Educação Antirracista dentro do campo educacional, vem completando 23 anos desde a implementação da Lei 10.639/03, que torna obrigatório o Ensino de História e Cultura Africana e Afro-Brasileira. As análises feitas neste trabalho partiram do campo da literatura em relação com a filosofia africana, tendo como base as noções retiradas dos Mitos de Orixás pertencentes ao panteão afro-diaspórico, bem como a compreensão do que está estabelecido dentro da Lei 10.639/03. A oralidade na cultura iorubá tem o papel fundamental para a manutenção do conhecimento da comunidade. Nesse campo, os Griots podem ser considerados a representação da exaltação dessa oralidade, visto que teriam como função contar histórias dos antepassados para os mais jovens, assim, os mesmo poderiam mantê-los vivos dentro da memória coletiva.

Podemos considerar que a relevância do processo de rememorar essas histórias e contá-las para as próximas gerações alcança uma dimensão de construção de si e de pertencimento a um coletivo, tornando-se também a construção de uma identidade em relação à comunidade. Para as próximas gerações, cria-se uma perspectiva sobre o passado (quem fomos), o presente (quem somos) e o futuro (quem podemos ser). Possibilitando a reivindicar o direito pela própria narrativa, desde o ponto de vista histórico, alcançando a dimensão filosófica afro-brasileira que carrega consigo a *práxis* sobre os conceitos e saberes ancestrais. Dito isso, um dos conceitos literários que carrega consigo tal perspectiva filosófica é a *Escrevivência*, criado pela pensadora afro-brasileira Conceição Evaristo. Pensado a partir da junção das palavras “escrever” e “vivências”, é possível notar que para a autora a linguagem foi uma das tecnologias de resistência dominadas no processo de colonização, desde o impedimento do uso da língua materna, até posteriormente o reforçamento de estereótipos

dentro do campo da literatura. Para refletir sobre tal problemática a autora resgata a figura da Mãe Preta:

A imagem fundante do termo é a figura da Mãe Preta, aquela que vivia a sua condição de escravizada dentro da casa-grande. Essa mulher tinha como trabalho escravo a função forçada de cuidar da prole da família colonizadora. Era a mãe de leite, a que preparava os alimentos, a que conversava com os bebês e ensinava as primeiras palavras, tudo fazia parte de sua condição de escravizada. E havia o momento em que esse corpo escravizado, cerceado em suas vontades, em sua liberdade de calar, silenciar ou gritar, devia estar em estado de obediência para cumprir mais uma tarefa, a de “contar histórias para adormecer os da casa-grande”. E a Mãe Preta se encaminhava para os aposentos das crianças para contar histórias, cantar, ninar os futuros senhores e senhoras, que nunca abririam mão de suas heranças e de seus poderes de mando, sobre ela e sua descendência. ( EVARISTO, 2020. p.30)

Com a colonização, a contação de histórias é posta a serviço da dominação: a função Mãe Preta deixa de ter seu sentido coletivo histórico e passa a ser individualizada, a servir à educação de uma elite e à manutenção da dominação. Paralelamente, a oralidade deixa de ter o mesmo nível de relevância, já que para a cultura colonizadora aquilo que está escrito, lavrado em cartório e autenticado pelo dinheiro, é o que tem importância. Assim, Conceição Evaristo constrói o conceito de Escrivivência na retomada da escrita pela mulher negra e para além disso, na reivindicação pelo espaço da escrita:

Escrivivência, em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças. E se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita, nos pertencem também. Pertencem, pois nos apropriamos desses signos gráficos, do valor da escrita, sem esquecer a pujança da oralidade de nossas e de nossos ancestrais. Potência de voz, de criação, de engenhosidade que a casa-grande soube escravizar para o deleite de seus filhos. E se a voz de nossas ancestrais tinha rumos e funções demarcadas pela casa-grande, a nossa escrita não. Por isso, afirmo: “a nossa escrevivência não é para adormecer os da casa-grande, e sim acordá-los de seus sonos injustos”. (EVARISTO, 2020. p.30)

Nesse ponto, a escrita e oralidade passam a ter características próprias para a comunidade afro-diaspórica, pois as histórias que eram narradas pelos Griots para as futuras gerações ganham a dimensão do papel, das linhas escritas e compartilhadas através dos saberes diversos. É a partir dessa perspectiva que será realizada a reflexão sobre a importância da retomada dos mitos dos orixás dentro do Ensino de História e Cultura Afro-brasileira.

**ENTRE MITOS E ITANS**

Por muito tempo, crescemos aprendendo sobre os mitos gregos que retratavam as narrativas do herói, suas trajetórias e desafios para serem eternizados na história. As poesias de Hesíodo e Homero descreviam a relação entre os deuses gregos e suas semelhanças com os humanos, a maneira com que interferiram no cotidiano da população e de certo modo, conviviam de forma camuflada com as pessoas. Neste ponto, os mitos iorubás nos apresentam também uma conexão entre seres humanos e a maneira com que enxergamos o cotidiano. Contudo, veremos que para a cultura africana a relação com essas histórias adquire outras características que ultrapassam a narrativa da imortalidade dentro da história, assim como os antigos gregos queriam, mas interligam através da linguagem outras perspectivas de assimilar o mundo. A partir da experiência diaspórica, a oralidade, tratada como um arcabouço de manutenção da cultura, rememorando as histórias dos ancestrais, possibilita apresentar para futuras gerações um outro mundo do qual o corpo negro “escape” da narrativa colonizadora e que o limita a um determinado período histórico.

Os mitos iorubás trazem a dimensão do sagrado que dialoga com os seres humanos, de acordo com Paula Junior (2020):

A tradição oral encerra processos educativos que colaboram na afirmação da consciência negra na diáspora, ela fortalece os elos e conexões com uma ancestralidade viva e pulsante nas formas culturais diaspóricas. Ao longo do texto “Tradição Viva” Hampaté Bâ revela as nuances do pensamento africano tradicional em diferentes aspectos, revela a sacralidade da palavra e sua capacidade geradora da existência, acentua o quanto o modo de ser africano é perpassado pela oralidade e, com isso, como se desenvolve os processos educativos na tradição (PAULA JUNIOR, 2020. p.12).

Esse diálogo com o sagrado pode ser identificado como mais uma divergência em relação aos mitos gregos, visto que em grande parte das histórias que apresentam as deusas e deuses se relacionando com os seres humanos, estão presentes sentimentos como egoísmo, ganância e divertimento com a submissão dos humanos perante as vontades dos deuses. Para

além disso, a figura do espaço metafísico “Olimpo”<sup>3</sup> não poderia ser comparado ao “Órun”<sup>4</sup>, já que aquele representa a dimensão da conquista: o herói precisa conquistar o direito de estar junto aos deuses. O “Olimpo” é um espaço distante da terra, reafirmando a necessidade de manter-se separados dos seres humanos, por consequência fortalecendo uma relação de poder. Enquanto os deuses africanos e os antepassados descem para o plano físico “Ayê”<sup>5</sup> para aconselhar os que ainda vivem nele. Sendo através dos terreiros de candomblé o espaço de conexão e diálogo com essa ancestralidade. Portanto, a oralidade africana perpassa para o campo da metafísica ao realizar o processo da contação das histórias em relação com a espiritualidade. Ademais, ela traz uma concepção de pessoa que diverge da noção de indivíduo eurocêntrico, que se constrói de forma solitária e baseando-se apenas na razão. Neste ponto, é importante ressaltar as diferenças entre Mito e Itan.

Para a cultura ocidental, o mito oscilou por diversas definições através do tempo, a partir dos filósofos que se propuseram a refletir sobre a relevância deles para o campo epistemológico. Uma delas é que “na Antigüidade clássica, o Mito é considerado um produto inferior ou deformado da atividade intelectual. A ele era atribuída, no máximo, "verossimilhança", enquanto a "verdade" pertencia aos produtos genuínos do intelecto. (ABBAGNANO, 1998) Trata-se, portanto, de narrativas que não expressam o cotidiano, que podem surgir do que não é verdadeiro ou que não existem, mas que de alguma maneira ainda captam fragmentos da maneira com que os seres humanos interagem com o mundo.

Por outro lado, “ A palavra nagô itán designa não só qualquer tipo de conto, mas também essencialmente os itán àtowódówó, histórias de tempos imemoriais, mitos, recitações, transmitidos oralmente de uma geração a outra, particularmente pelos babaláwo, sacerdotes do oráculo Ifá “ (Santos, 2004. p.8). No contexto da diáspora, o Candomblé tem papel significativo e de extrema importância no caráter pedagógico dos Itans. Eles são contados pelas Ialorixás e Babalorixás tanto através de conversas, quanto nas músicas e danças realizadas durante as celebrações. Paula Junior (2020) descreve que:

<sup>3</sup> **Olimpo:** Morada das deusas e deuses na Mitologia Grega. Acreditava-se que o Olimpo estava localizado no alto de uma montanha, acima das nuvens. Simbolizando um espaço de poder e superioridade.

<sup>4</sup> **Órun:** Plano Espiritual e imaterial onde habitam os Orixás, ancestrais e seres espirituais. O Órun, na cosmologia Iorubá mantém uma conexão com o plano material, Ayê. Diferenciando da ideia cristã de ‘céu’, aqueles que fazem parte do plano material retornam para o Órun, vivendo ao lado dos ancestrais.

<sup>5</sup> **Ayê:** Mundo Físico dos seres humanos.

Quando se pensa na imagem dos Djeli e Doma africanos, os contadores de história de lá, eles se assemelham com as figuras dos mestres e mestras do saberes afro-brasileiros, tem correspondência com as mães – de santo dos terreiros brasileiros e tratam de mitos como aqueles que se contam nas casas de candomblé e outros territórios afrobrasileiros como forma educativa para se entender os sentidos da vida. (PAULA JUNIOR, 2020. p. 331)

Assim, os Itans são fundamentais para o entendimento de múltiplas formas de dar sentido à vida.

### **O Guerreiro que ensina a Caçar: a Lei 10.639/03 como ferramenta pedagógica.**

É que viver na guerra cansa, cansa, aham  
Cansa, cansa  
Mas o amor traz esperança, eu sei

(DEPOIS DA TEMPESTADE - MARCELO D2)

Um dos pontos que torna complexa a preservação dos Itans através da oralidade é a manutenção da riqueza dos detalhes e simbologias. A oralidade é também um movimento de exercício que envolve a corporeidade, através deles construímos nossas narrativas contando o processo do “estar no mundo” em relação com ele. Nossa corporeidade também informa o que o mundo quer nos mostrar, um exemplo são os excesso de informações, a cultura de aceleração e produtividade que adoce em massa gerações e nos recorda sobre a necessidade de respirar e caminhar pela vida. A lógica colonialista incentiva o individualismo e a competição, enquanto enfraquece a construção do saber libertador e produtor de sentido de vida e a partir dessa perspectiva a oralidade entra em confronto com o colonialismo ao reeducar também nosso corpo ao ler o mundo. O que a natureza tem para nos dizer? Com quem eu convivo? Refletir sobre esses questionamentos traz em discussão a importância da oralidade e preservação da memória. Hampatê Bâ (2003) ao ser questionado sobre a sua relação com a memória diz que:

Como é que a memória de um homem de oitenta anos é capaz de reconstituir tantas coisas e, principalmente, com tal minúcia de detalhes? É que a memória das pessoas da minha geração, sobretudo a dos povos de tradição oral, que não podiam apoiar-se na escrita, é de uma fidelidade e de uma precisão prodigiosas. Desde a infância éramos treinados a observar, olhar e escutar com tanta atenção, que todo acontecimento se inscrevia em nossa memória como em cera virgem. Tudo lá estava nos menores detalhes: o cenário, as palavras, os personagens e até suas roupas. (HAMPATÊ BÂ, 2008. p.13)

Ao pontuar que “desde a infância éramos treinados a observar, olhar e escutar com tanta atenção”, podemos remeter aos Itan relacionados a Oxóssi, orixá da caça, do silêncio, da comunidade. No Itan “Oxóssi aprende com Ogum a arte da caça” (2001), será apresentado a relação entre Oxóssi com o irmão mais velho Ogum, orixá ferreiro, da guerra, dos caminhos e tecnologia. A história conta que:

Oxóssi é irmão de Ogum.  
Ogum tem pelo irmão um afeto especial.  
Num dia em que voltava da batalha,  
Ogum encontrou o irmão temeroso e sem reação,  
cercado de inimigos que já tinham destruído quase toda a aldeia  
e que estavam prestes a atingir sua família e tomar suas terras.  
Ogum vinha cansado de outra guerra,  
mas ficou irado e sedento de vingança.  
Procurou dentro de si forças para continuar lutando  
e partiu na direção dos inimigos.  
Com sua espada de ferro pelejou até o amanhecer. (PRANDI, 2001. p.112)

Neste fragmento, através da figura do irmão mais velho afetuoso, cansado de mais uma batalha e procurando forças para seguir defendendo seu povo e sua família, é possível criar uma analogia com as violências que afligem a população negra, violências estas gestadas e alimentadas pelo capitalismo: “a luta por libertação nos arquipélagos<sup>6</sup> negros, além da disputa de imaginários, reivindica o direito à existência, à ontologia, à afirmação do ser negro, africano, afrodescendente.” (SANTOS. 2025, p.50) Como argumentado pela filósofa estadunidense Angela Davis (2018, p.19), no livro *A liberdade é uma luta constante*:

Você fala com frequência sobre o poder do coletivo e enfatiza a importância do movimento, em vez de falar sobre indivíduos. Como podemos construir tal movimento, baseado nessa ética, em uma sociedade que promove o egoísmo e o individualismo? Desde a ascensão do capitalismo global e das ideologias associadas

<sup>6</sup> O conceito de arquipélago é mobilizado pelo filósofo e poeta martinicano Édouard Glissant para descrever a divergência entre o conhecimento eurocêntrico que compreende o mundo a partir de uma perspectiva universalista e excludente. Enquanto os arquipélagos preservam sua própria singularidade enquanto dialogam com os outros saberes, outras visões sobre o mundo, caminhando portanto para uma noção de conhecimento construído em relação com o outro. Neste trabalho utilizamos a perspectiva do autor Luis Carlos Ferreira Santos sobre o conceito a partir da Filopoética.

ao neoliberalismo, tornou-se particularmente importante identificar os perigos do individualismo. As lutas progressivas - centradas no racismo, na repressão, na pobreza ou em outras questões - estão fadadas ao fracasso se não tentarem desenvolver uma consciência sobre a insidiosa promoção do individualismo capitalista.

Posteriormente, neste Itan podemos encontrar uma possível hipótese para a problemática imposta por Davis sobre o individualismo. Ogum ensina o irmão mais novo a arte da caça, ainda que ele seja um guerreiro. A caça diferente da luta tem aspectos que diferenciam a maneira com que lidamos com tais demandas coloniais, entre elas as reflexões de Hampatê Bâ: o treinamento desde a infância para a capacidade observar o Outro, a enxergar-se com atenção no coletivo, pois nenhuma dor é individual.

Quando por fim venceu os invasores,  
sentou-se com o irmão e o tranquilizou com sua proteção.  
Sempre que houvesse necessidade  
ele iria até seu encontro para auxiliá-lo.  
Ogum então ensinou Oxóssi a caçar,  
a abrir caminhos pela floresta e matas cerradas.  
Oxóssi aprendeu com o irmão a nobre arte da caça,  
sem a qual a vida é muito mais difícil.  
Ogum ensinou Oxóssi a defender-se por si próprio  
e ensinou Oxóssi a cuidar da sua gente.  
Agora Ogum podia voltar tranquilo para a guerra.  
Ogum fez de Oxóssi o provedor.  
Oxóssi é irmão de Ogum. (PRANDI, 2001. p.112)

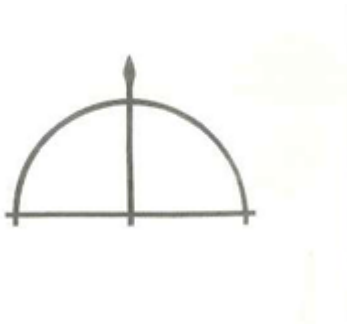
O irmão mais novo aprende com o mais velho a importância de “defender-se por si próprio”, a ter responsabilidade e foco que diferem das noções impostas pelo discurso mercadológico que vem dominando as práticas de ensino dentro do ambiente escolar. Sendo Ogum o grande ferreiro dos orixás, aquele que forja ferramentas para que possam ser abertos novos caminhos e possibilidades, compreendemos a Lei 10.639/03 como ferramenta político-pedagógica que nos permite romper com o colonialismo e, de forma estratégica, caçar formas de ensinar a defender-se. Quando o Itan enfatiza que “agora Ogum podia voltar tranquilo para a guerra” demonstra que ainda que ele tenha realizado a prática de ensinar o irmão, as lutas seguem, pois a tranquilidade repousa em saber que “o poder de matar é a soberania de expor à morte, deixar morrer e fazer morrer. E a recusa em ser morto é a abertura do sujeito que vem, o qual traz em sua trajetória a partilha comum do mundo: a partilha do “Todo Mundo”. (SANTOS. 2025, p.66)

O jovem caçador aprende a buscar o alimento para o corpo e para além disso, o alimento da alma. Oxossi é considerado também o orixá ligado à cultura e às artes. A cultura é uma ponte entre a pessoa e a comunidade, o caçador sai de sua comunidade trazendo elementos para que seu povo compreenda as múltiplas formas de estar no mundo. Assim, por exemplo, com os movimentos da capoeira a dança e luta caminham unidas. Através dos movimentos da capoeira, o corpo relembra que na vida precisamos gingar com as adversidades do dia a dia. Aprende-se através da contação de Itans a pararmos para exercitar a escuta do outro, a necessidade de preservarmos a memória dos que vieram antes de nós, por consequência, a valorizar a Ancestralidade e autoconhecimento:

A Ancestralidade torna-se o signo da resistência afrodescendente. Protagoniza a construção histórico-cultural do negro no Brasil e gesta, ademais, um novo projeto sócio-político fundamentado nos princípios da inclusão social, no respeito às diferenças, na convivência sustentável do Homem com o Meio-Ambiente, no respeito à experiência dos mais velhos, na complementação dos gêneros, na diversidade, na resolução dos conflitos, na vida comunitária entre outros. (OLIVEIRA, 2001. p.3)

### Considerações Finais

#### Oxotocanxô - O caçador de uma flecha só



Ofá - Arco e flecha usado por Oxossi

Diferente de Ogum que carrega uma espada para as batalhas, Oxossi tem como ferramenta de caça o Ofá, um arco com apenas uma flecha. Comparando ambos objetos, a representação de Ogum enquanto irmão mais velho que abre caminhos para que as futuras gerações possam traçar, assemelhamos a figura do educador que forja/luta pela implementação e criação de políticas públicas que possibilitam a comunidade a reparar a história. A energia motriz que impulsiona os movimentos sociais pelas reivindicações dentro e fora do campo da educação, aquele que defende as Leis 10.639/03 e 11.645/08 que visam tornar obrigatório o Ensino de História e Cultura Africana, Afro-brasileira e Indígena dentro das escolas públicas e privadas. Ainda que as discussões sobre a necessidade de incorporação do ensino da educação afrorreferenciada ultrapassem o tempo de existência de ambas as leis, a legitimação no campo da LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional) é o reconhecimento das identidades africanas em diáspora e preservação das culturas indígenas. Assim, como descrito por MUNANGA (2015, p. 21-22):

No plano político, o reconhecimento da diversidade cultural conduz à proteção das culturas minoradas, por exemplo, as culturas indígenas da Amazônia e de outras partes do continente americano, que estão em destruição, seja pelas invasões de seus territórios, seja ainda pela criação de reservas onde se acelera a decomposição das sociedades e dos indivíduos. [...] No plano jurídico, o reconhecimento das identidades particulares no contexto nacional se configura como uma questão de justiça social e de direitos coletivos e é considerado como um dos aspectos das políticas de ação afirmativa.

A conquista de tais leis se configuram como ferramentas pedagógicas que respaldam as práticas pedagógicas, as reivindicações por formação continuada de professoras e professores apontando as lacunas no que tange o letramento racial. O Ofá de Oxossi aponta para a efetivação das leis no ambiente escolar, e enquanto caçador que porta apenas uma flecha cabe a ele criar estratégias para que possa alcançar seus objetivos. Ao passo que as políticas neoliberais que intensificam as burocracias e tornam o ensino como baseado em competências a serem cumpridas, desmotivando professores e suas práticas de ensino e alunos com a relação de aprendizagem. A realização de momentos dentro do ambiente escolar que proporcionem a experiência com o ensino da história e cultura africana, afro-brasileira e indígena pode ser refletido como o movimento do caçador. Aquele que busca outras perspectivas para a sua comunidade, levando em conta as palavras da autora Adilbênia Freire Machado (2014) sobre os sentidos que esse movimento se constitui para a Filosofia Africana

“o encantamento é aquilo que dá condição de alguma coisa ser sentido de mudança política e ser perspectiva de outras construções epistemológicas, é o sustentáculo, não é objeto de estudo, é o que desperta e impulsiona o agir, é o que dá sentido.” (MACHADO, 2014, p.59)

Possibilitar o encontro com outros saberes e perspectivas de compreender/ler o mundo e principalmente, de resistir às políticas que descaracterizam o sentido de coletividade e senso de comunidade. Dito isso, compreendemos que os movimentos realizados pelos professores para tornar efetiva a Lei 10.639/03 e 11.645/08 dentro de suas práticas pedagógicas se assemelham ao olhar estratégico dentro do campo educacional. Assim como Félix Guattari (1985) aponta na obra “Revolução Molecular”: “Militar é agir. Pouco importam as palavras, o que interessa são os atos” (GUATTARI, 1985, p. 13). Ainda que ao passar dos anos a figura das professoras e professores fiquem turvas aos olhos da sociedade, e que a falta de sentido de coletividade dentro da própria categoria, são os “pequenos” movimentos dentro do chão da escola que reacendem o “encantamento” pelo saber. Seja nos planejamentos dos projetos políticos pedagógicos (PPP) das escolas públicas, na elaboração de aulas que abordem a temática racial ou na elaboração de saraus e projetos culturais dentro do ambiente escolar. A defesa pelo direito ao ensino que encanta e torna o mundo um campo repleto de possibilidades seguem na raiz do sujeito professor, ainda que as políticas de mercantilização da educação visem desmobilizar a categoria. Portanto, a defesa e ensino de práticas antirracista dentro do ambiente escolar esta para além do cumprimento da lei, mas reforça a lembrança de quais os sujeitos que constroem o ambiente escolar.

*No ano em que todas as bocas foram impedidas de falar; no ano que foi todo ele uma noite de terror; esses jornais únicas bocas que ainda falavam clamavam pela liberdade de Pedro Bala, líder da sua classe, que se encontrava preso numa colônia.*

*E, no dia em que ele fugiu, em inúmeros lares, na hora pobre do jantar, rostos se iluminaram ao saber da notícia. E, apesar de que fora era o terror, qualquer daqueles lares era um lar que se abriria para Pedro Bala, fugitivo da polícia. Porque a revolução é uma pátria e uma família.*

**Jorge Amado - Capitães de Areia**

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo. Martins Fontes, 2000.

AMADO, Jorge. **Capitães da Areia**. 90. ed. Rio de Janeiro: Record, 1997.

<i>Revista Dialectus</i>	Ano 15	n. 39	Janeiro – Abril 2026	p. 142 - 153
--------------------------	--------	-------	----------------------	--------------

DAVIS, Angela. **A liberdade é uma luta constante**. São Paulo: Boitempo, 2018.

SANTOS, Luís Carlos Ferreira dos. **Filopoética afrodiáspórica: filosofia africana como imaginação emancipatória**. Salvador: EDUFBA, 2025.

DEPOIS DA TEMPESTADE. Intérprete: Marcelo D2 part. Seu Jorge & Anna Majidson, Álbum: Amar é para os fortes, Produtores: Nave e Mario Caldato Jr. Pupila Dilatada, distribuído por The Orchard Enterprises, 2018.

GUATTARI, Félix. **Revolução molecular: pulsações políticas do desejo**. 2º Ed. São Paulo. Editora Brasiliense, 1985.

HAMPATÉ BÂ, Amadou. **Amkoullel, o menino fula**. São Paulo: Palas/Casa das Áfricas, 2003.

PAULA JUNIOR, A. **Filosofia da oralidade: contribuições da tradição oral para filosofia africana e afrodiáspórica**. *Itaca: Revista Eletrônica*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 36, p. 1-20, jun. 2020. DOI: 10.59488/itaca.v0i36.31988.

PÓVOAS, Ruy do Carmo. **Itan dos mais-velhos : (contos)** / Ruy do Carmo Póvoas. – 2. ed. – Ilhéus, Ba : Editus, 2004

OLIVEIRA, Eduardo D. A Ancestralidade na Encruzilhada: dinâmica de uma tradição inventada. Dissertação de Mestrado. Curitiba: UFPR, 2001.

MACHADO, Adilbênia Freire. *Filosofia Africana: ancestralidade e encantamento como inspirações formativas para o ensino de africanidades*. Fortaleza: Imprece, 2019.

MUNANGA, Kabengele. **Por que ensinar a história da África e do negro no Brasil de hoje?** *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, Brasil, n. 62, p. 20–31, dez. 2015.